



ADOCIMENTO MENTAL: INTERFACES COM O AMBIENTE DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19, SOB A ÓTICA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM¹

Jacson Renato da Costa da Silva², André Luis Machado Bueno³, Andreia Simone Muller⁴, Juliane de Souza Scherer⁵

¹Trabalho de conclusão de Curso, desenvolvido na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil), bacharel em Enfermagem.

²Bacharel em Enfermagem pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

E-mail: prof.enf.jacsonrenato@gmail.com

³Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Professor da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

E-mail: andrebueno@feevale.br

⁴Mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (São Paulo/Brasil).

Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

E-mail: andreiasm@feevale.br

⁵Doutoranda em Patologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Porto Alegre/Brasil).

Professora Assistente na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

E-mail: sjuliane@feevale.br

RESUMO

Introdução: O crescimento de patologias invisíveis decorrentes do desgaste psíquico dos profissionais de enfermagem acende um alerta: faltam políticas trabalhistas das instituições com foco na prevenção. **Objetivo:** Avaliar qual a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o adoecimento mental em seu ambiente de trabalho, potencializado com o atual momento pandêmico. **Resultado:** A elevada carga horária e a pressão na rotina de trabalho; a baixa remuneração e as condições precárias para o exercício da atividade foram os fatores que mais somaram para o adoecimento mental. De modo que, 30 dos 73 respondentes, foram afastados por padecimento psicológico. **Conclusão:** Este estudo revela que o ambiente laboral, as condições precárias para o exercício das atividades, a sobrecarga de trabalho associado ao medo do desconhecido, como a nova a doença causada pelo coronavírus, a Covid-19, são os principais fatores que contribuem para o desenvolvimento de patologias mentais dos profissionais de enfermagem.

INTRODUÇÃO

O setor saúde apresenta um alto índice de adoecimento dos trabalhadores decorrente da exposição frequente a diversidade de agentes relacionados a sua ocupação laboral. Dentre esses trabalhadores, a enfermagem representa o maior contingente da força de trabalho. Sobretudo, em hospitais, ficam mais expostos e vulneráveis ao desenvolvimento de agravos à saúde. Em especial, os transtornos mentais e comportamentais, devido ao contato frequente com o sofrimento e a morte dos pacientes, acrescido às intensas cargas de trabalho (OLIVEIRA et al., 2019).



Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental deve ser parte integrante e central do plano de enfrentamento da crise, sendo que a saúde mental e o bem-estar das populações, são afetados de forma dramática pela pandemia de Covid-19 e, é urgente, que todos os países considerem essas questões de forma prioritária (UNITED NATIONS, 2020).

Para os trabalhadores da saúde o estresse e a pressão de lidar com o ofício, acrescido do risco de adoecer, provocam severos problemas de saúde mental, aumentando o “*turnover*” (alta rotatividade de funcionários em uma empresa) e a “*Síndrome de Burnout*” (estado de tensão emocional e estresse crônico provocado por condições de trabalho desgastantes) (PÊGO; PÊGO, 2016). Ainda, são responsáveis por gerar graves problemas como ansiedade e depressão (OMS/OPAS, 2020). Desta forma, a saúde destes trabalhadores necessita que, em seu ambiente laboral, sejam adotadas medidas preventivas não apenas aos aspectos previstos de agentes como os riscos biológicos, físicos, químicos, ergonômicos e de acidentes, mas também, que sejam adotados fatores de prevenção para os aspectos psíquicos e sociais.

Em um dos questionários realizados para a execução desta pesquisa, destacam-se a pressão na rotina de trabalho (77,6%) e a baixa remuneração (71%), como os principais fatores que contribuem para o adoecimento mental dos profissionais de enfermagem. Tais achados são amparados na literatura, em que apontam o processo de trabalho em saúde, hospitalar ou na Atenção Primária, como responsável pelo desgaste emocional do trabalhador, o que influencia diretamente no seu desempenho no trabalho e na sociedade (CARREIRO et al., 2013, p. 147)

Desta forma, torna-se fundamental um olhar mais crítico ao ambiente laboral assim como, a adoção de medidas de prevenção e cuidado aos profissionais de enfermagem. Este estudo justifica-se por aprofundar qual o entendimento dos profissionais de enfermagem quanto ao assunto saúde mental, considerando o aumento exponencial destes trabalhadores adoecendo diariamente em seu ambiente laboral. Portanto, questiona-se qual a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o adoecimento mental e o seu ambiente de trabalho durante a pandemia? Este estudo buscou investigar a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o adoecimento mental, influenciado pelo seu ambiente de trabalho e o momento atual de pandemia, quais as ações que as instituições contratantes estão adotando a fim de prevenir tais patologias nestes trabalhadores.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal e descritivo, cuja população em estudo foi composta por profissionais de enfermagem (técnicos de enfermagem e enfermeiros). Para a seleção amostral,



foi utilizada a técnica de “snowball” ou “bola de neve”. Os dados foram apresentados em tabelas e figuras, respeitando as técnicas de análise descritiva.

A amostragem em bola de neve utiliza-se das ligações entre os membros da população para conseguir, partindo de alguns indivíduos membros desta população, obter uma amostra dela. O método funciona a partir da indicação por parte de algum indivíduo da população de outros que também fazem parte e assim sucessivamente, caracterizando-se num formato semelhante ao de uma bola de neve que vai acumulando os flocos de neve ao rolar e se tornando cada vez maior (DEWES, 2013).

Como critérios de inclusão foram definidos: profissionais maiores de 18 anos, trabalhadores da área de enfermagem com experiência superior a 1 ano de atuação e, os que concordaram em participar do estudo através da anuência ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos: gestores administrativos e outros trabalhadores da área da saúde que não fossem enfermeiros e técnicos em enfermagem assim como, os que não aceitassem participar do estudo.

A pesquisa respeitou os preceitos éticos da Resolução do CNS 466/2012. Após confirmar sua adesão ao TCLE, o profissional foi direcionado ao questionário “online”, o qual descrevia uma breve caracterização do tema, seguido por perguntas intercaladas de escolhas simples e múltiplas, utilizando a ferramenta Google Forms®. O período de coleta dos dados ocorreu nos meses de julho e de agosto de 2020.

RESULTADOS

Os dados a seguir dizem respeito aos 101 questionários eletrônicos com origem em profissionais da rede pública, da iniciativa privada e de redes filantrópicas. Os registros indicaram que no que se refere ao gênero, houve uma prevalência de 85,1% de mulheres. A média de idade dos participantes foi de 37,48 anos. No que se refere ao cargo, 44,5% possuíam o curso superior de enfermagem e 55,5%, possuíam o curso técnico em enfermagem. A média de tempo na profissão foi de 6,3 anos e, quando considerado a média de permanência na mesma empresa, o resultado foi de 4,4 anos. No quesito perfil de instituição de trabalho, 33,66% dos profissionais trabalhavam na rede pública de saúde, 51,48% na rede particular e 14,85% em redes filantrópicas.



Tabela 1 - Respostas para a pergunta:

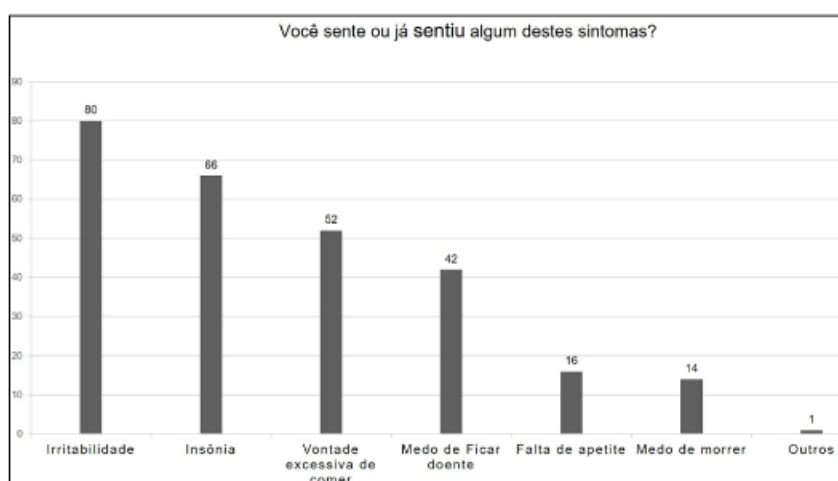
Dentre os fatores abaixo, quais você acredita que possam contribuir para o adoecimento mental dos profissionais de enfermagem?

| *Respostas | N (%) |
|---|-----------|
| Pressão da rotina de trabalho | 83 (77,6) |
| Baixa remuneração | 76 (71,0) |
| Exercer a atividade em mais de um local de trabalho | 70 (65,4) |
| Condições precárias para o exercício da profissão | 70 (65,4) |
| Elevada carga de trabalho | 67 (62,6) |

Fonte: Pesquisa direta, 2020. *Respostas de múltiplas escolhas.

A pressão na rotina de trabalho (77,6%) e a baixa remuneração (71%), lideraram as respostas como os principais fatores que contribuem para um adoecimento mental dos profissionais de enfermagem (tabela 1). Tais achados são amparados na literatura, em que apontam o processo de trabalho em saúde, hospitalar ou na Atenção Primária, como responsável pelo desgaste emocional do trabalhador, o que influencia diretamente no seu desempenho no trabalho e na sociedade (CARREIRO et al., 2013, p. 147).

Figura 1: Sintomas referidos pelos participantes.



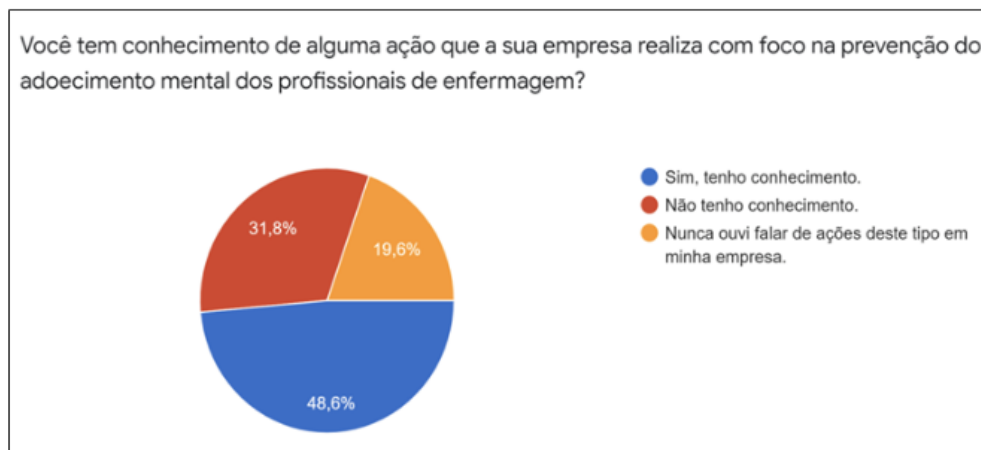
***Respostas de múltipla escolha – Total 271**

Fonte: Pesquisa direta, 2020.

Com relação à manifestação de sintomas considerados somáticos, os participantes puderam responder a mais de uma opção, ponderando que 74,8% responderam que já sentiram irritabilidade, 61,7% insônia, 48,6% vontade excessiva de comer, 39,3% disseram ter medo de ficar doente, 15% sentem falta de ar e 13,1% relataram sentir medo da morte.



Figura 2 - Medidas preventivas para adoecimento mental conhecidas pela equipe de enfermagem.



Fonte: Pesquisa direta, 2020.

Se considerarmos as respostas em que os profissionais não têm conhecimento de nenhuma ação, somado aos que nunca ouviram falar de qualquer tipo de planejamento da empresa com foco na prevenção destas patologias mentais, um total de 51,4% profissionais desconhecem em suas empregadoras ações com foco na prevenção do adoecimento mental. Tal fato desperta um alerta sobre o assunto.

Figura 3 - Carga emocional referida por profissionais de enfermagem



Fonte: Pesquisa direta, 2020.

A **figura 3** ilustra a carga emocional suportada pelos profissionais de enfermagem. Apenas 5,9% acusaram não se sentirem preparados para enfrentar situações dolorosas. As consequências apresentadas pelo somatório dos 67,3% que se julgam parcialmente preparados, podem a longo prazo se não observados, acometer de forma desastrosa a saúde destes colaboradores. A pressão



do trabalho e principalmente de estar na linha de frente no combate ao coronavírus, resultam em históricos psiquiátricos.

A fragilidade da medicina ocupacional, no que trata o PCMSO, é ilustrada na **tabela 2**. De maneira assustadora, o montante de 54,2% dos voluntários da pesquisa nunca passou por avaliação psicológica no seu ambiente de trabalho.

Tabela 2 – Monitoramento da saúde mental durante a trajetória profissional

| *Respostas | N (%) |
|--|-----------|
| Realizei avaliação psicológica apenas em minha admissão | 39 (36,4) |
| Somos acompanhados por especialistas em saúde mental | 9 (8,4) |
| Nunca passei por uma avaliação psicológica no meu trabalho | 58 (54,2) |
| Não tenho condições de opinar | 1 (0,9) |

Fonte: Pesquisa direta, 2020. *Respostas de múltipla escolha.

DISCUSSÃO

Em relação às condições de trabalho, uma revisão de literatura afirma que o ambiente de trabalho na enfermagem é marcado pela competitividade e condutas padronizadas, trazendo consequências para a saúde do trabalhador. Somam ainda aos trabalhadores de enfermagem, a exposição às cargas psíquicas, à insatisfação dos usuários, a carência de recursos humanos e consequentemente, à sobrecarga de trabalho (ALVIM et al., 2017).

Chama a atenção que a remuneração não foi o primeiro fator a ser considerado pelos profissionais quando questionados sobre os fatores que possam contribuir para um adoecimento mental. Se somados os quesitos como a elevada carga de trabalho e ao exercício da profissão em mais de um local, refletem o desconforto dos profissionais em seus ambientes laborais (**tabela 1**). Alguns fatores reportados por (BRAGA, 2010), corroboram com estes resultados: baixos salários, ambientes insalubres, ruídos e calor excessivos, acúmulo de funções, jornadas de trabalho que excedem a carga horária suportável, regime em turnos alternantes, e muitas vezes, ainda enfrentam a falta de equipamento de proteção individual (EPIs), contribui significativamente para mudança no perfil epidemiológico do adoecimento dos trabalhadores. Entre os participantes, 87,9% concordaram que situações de extrema exigência física e mental dos profissionais de enfermagem como por exemplo, o atual momento de pandemia da Covid-19, podem causar sofrimento psíquico a estes profissionais. Resultado reforçado pelos achados atuais, que sinalizam a utilização de protocolos para atendimento aos pacientes acometidos pela Covid-19, concomitantemente, a utilização de ferramentas de acompanhamento psicológico a estes profissionais (SOUZA E SOUZA; SOUZA, 2020).



As condições de trabalho da equipe de enfermagem incluem extensas jornadas, ritmo intenso, desvalorização profissional, conflitos interpessoais, entre outros fatores desencadeantes de desgastes físicos e psíquicos. Estas condições são potencializadas durante a pandemia pelo número de pessoas infectadas e pela escassez de EPIs adequados, situações que elevam os desgastes devido ao medo de infectar-se ou de transmitir o vírus aos entes queridos (MIRANDA et al., 2020). Além disso, os profissionais de enfermagem vivenciam um dilema ético e moral constante, pois estão envolvidos na engrenagem do sistema de saúde, nesse momento caótico e ainda mais saturado em virtude da pandemia. O estresse é um problema atual, estudado por vários profissionais, pois apresenta risco para o equilíbrio normal do ser humano. O problema do estresse ocupacional em profissionais da saúde e em particular em enfermeiros é um tema contemporâneo de debate e investigação. Assim, os estudos têm vindo a evidenciar que os enfermeiros representam uma classe profissional particularmente exposta a elevados níveis de pressão e estresse (ALVIM et al., 2017).

No Brasil, a depressão atinge 10% da população. A ansiedade afeta cerca de 10 milhões de pessoas em todo o mundo e o estresse já é considerado uma epidemia global (SOUZA; BERNARDO, 2019). Um estudo conduzido em Curitiba demonstrou que os transtornos depressivos superaram a marca de 50% dos registros de afastamento, seguidos pela ansiedade e reação do estresse (SANTANA et al., 2016). Por ser silenciosa e muitas vezes, gerar vergonha para quem sofre (se não identificada por familiares, amigos e colegas de trabalho), a depressão pode levar a um suicídio quase sempre inesperado. Justamente por isso, esse profissional de enfermagem precisa ter um suporte emocional para conseguir lidar com o seu trabalho diário sem ser afetado em sua vida pessoal (NEVES, 2020).

Embora 70,1% dos respondentes da pesquisa não tenham se afastado do trabalho por períodos prolongados, impressiona a quantidade de artigos que abordam o tema e alertam para a necessidade da criação e implantação de novas políticas que assegurem a integridade física e mental dos trabalhadores, adotando a fiscalização para assegurar o cumprimento das normas já existentes (ALVIM et al., 2017).

Dentre as principais consequências do adoecimento mental dos profissionais de saúde podemos destacar o absentéismo. O absentéismo refere-se à ausência do trabalhador em seu local de trabalho. Dentre os denominados fatores humanos no processo de trabalho, que incluem as chamadas doenças ocupacionais e a rotatividade, o absentéismo situa - se entre os efeitos mais danosos ao processo de trabalho, ao suporte social do trabalhador (SOUZA E SOUZA; SOUZA, 2020).



Alguns sintomas são associados aos transtornos mentais. Como revelou a pesquisa da **tabela 1**. Além dos fatores listados anteriormente, o risco de infecção por Covid-19 pode causar estresse psicossocial significativo para as equipes de saúde. Dessa forma, alternativas devem ser buscadas para minimizar o efeito da exposição psicológica sofrida pelos profissionais de saúde. Para aliviar o estresse mental de enfermeiras em um hospital na China, a coordenação de enfermagem realiza uma reunião de 30 minutos com os enfermeiros alocados na área de isolamento, no intuito de sensibilizá-los quanto aos equipamentos de proteção individual e outros recursos do hospital. Além disso, os enfermeiros são amparados e estimulados a relatarem algum desconforto; em caso de sintomas de ansiedade ou insônia, os profissionais são encorajados a procurar a ajuda de psicoterapeutas da equipe de plantão 24 h (HUANG et al., 2020).

Lamentavelmente, esta falta de cuidado é uma prática comum nas instituições contratantes. Quando indagados sobre o conhecimento de alguma ação que a empresa contratante realiza com foco na prevenção do adoecimento mental dos profissionais de enfermagem, o resultado está ilustrado na **figura 2**.

Segundo Schmidt, 2020, a atuação do psicólogo junto aos profissionais da saúde, é destacada pela baixa adesão às intervenções em função da falta de tempo e do cansaço pela sobrecarga de trabalho, em particular para aqueles que estão na linha de frente. É comum que profissionais estressados ou com alguma carência psíquica sejam os últimos a reconhecer sua necessidade de apoio e esses estigmas da resistência, conhecido como *psicofobia, (preconceito contra as pessoas que apresentam transtornos ou doenças mentais) pode ser um obstáculo para pedir ajuda, o que faz com que esses trabalhadores não priorizem o autocuidado (SCHMIT, 2020).

Considerando o afastamento do trabalho por mais de cinco dias por patologias do universo de saúde mental, segundo diretrizes do Ministério da Saúde, os participantes responderam que 10,3% já foram afastados por ansiedade, 5,6% por depressão e 2,8% por Síndrome de Burnout. Neste quesito existe um antagonismo ocupacional. Enquanto alguns buscam tratamento diante dessa situação, outros evitam abordar o assunto por medo de possível dispensa do trabalho. Esse é um ponto que requer atenção institucional, principalmente num contexto de pandemia, em que deve garantir assistência precisa e segura (TOLÊDO, 2021). Outros achados: 0,9% responderam afastamento por tentativa de suicídio e 0,9% por bipolaridade.

Em 2020, em virtude da pandemia, foi criada a Rede de Apoio Psicológico aos trabalhadores da saúde. A iniciativa nasceu a partir da vivência de psicólogos que começaram a receber em seus consultórios relatos de angústia e medo de trabalhadores da saúde. No entanto, também há



estudos para embasar a necessidade de apoio para os profissionais. Isto justifica a figura 2, reforçando que os profissionais de enfermagem vêm adoecendo em seu ambiente laboral, sem ter o devido acompanhamento psicológico (BRASIL, 2020).

Observa-se a importância de um acolhimento adequado para o conforto mental destes profissionais. Na pergunta “você já pensou em se ferir no seu ambiente de trabalho”, 5,9% responderam sim e talvez, revelando como são necessárias as redes de apoio aos profissionais de enfermagem. A saúde mental dos trabalhadores da saúde após o pico da pandemia Covid-19, sem dúvida, será afetada. Desastres em grande escala, incluindo a pandemia anterior de H1N1, foram acompanhados por aumento dos sintomas de insônia, depressão e uso de substâncias, particularmente, em trabalhadores da linha de frente (GHOULIA et al., 2010; NERI et al., 2008).

A **figura 3** ilustra a carga emocional suportada pelos profissionais de enfermagem. Apenas 5,9% acusaram não se sentirem preparados para enfrentar situações dolorosas. As consequências apresentadas pelo somatório dos 67,3% que se julgam parcialmente preparados, podem a longo prazo se não observados, acometer de forma desastrosa a saúde destes colaboradores. A pressão do trabalho e principalmente de estar na linha de frente no combate ao coronavírus, resultam em históricos psiquiátricos. Conforme recente revisão de literatura sobre suicídio durante a pandemia, entre os principais grupos de risco citados nos 14 artigos estudados, destaca-se: indivíduos com histórico de transtornos psiquiátricos, doenças crônicas, profissionais de saúde da linha de frente de combate à Covid-19, pessoas que desenvolveram a doença e idosos (SCHUCK et al., 2020).

De maneira assustadora as instituições, o poder público, os administradores e, até mesmo os próprios trabalhadores, relutam em abordar o assunto. A saúde mental é negligenciada, havendo poucas iniciativas para a defesa deste tema (SOUZA; BERNARDO, 2019).

Segundo a OMS, a cada 40 segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo e, para cada pessoa que comete suicídio, outras 20 tentam (OMS, 2019, 2020). Em estudo conduzido com a população norte-americana, foram identificados alguns fatores de risco relacionados à pandemia para desenvolvimento ou exacerbação de transtornos de humor, solidão, tensão econômica, aumento do uso de álcool, redução do nível de atividade física e conflito interpessoal aumentado (TWENGE; JOINER, 2020).

Após as evidências científicas demonstrarem que a equipe de saúde tem passado por sofrimento psicológico com a pandemia do Covid-19, percebeu-se a importância de tratamentos psicológicos ou psiquiátricos à essa população, uma vez que, o cuidado em saúde mental



favorece a atuação do profissional no seu local de trabalho, e a ausência deste cuidado, poderá reduzir o seu potencial de prever o cuidado.

A fragilidade da medicina ocupacional, no que trata o PCMSO, é ilustrada na **tabela 2**. De maneira assustadora, o montante de 54,2% dos voluntários da pesquisa nunca passou por avaliação psicológica no seu ambiente de trabalho. Questiona-se de que maneira as instituições contratantes monitoram a sanidade mental dos seus colaboradores uma vez que, nenhum instrumento de controle é aplicado durante o período de exercício da atividade do cuidado?

No Brasil, o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO) tem como objetivo a realização de exames médicos, em caráter de prevenção, rastreamento e diagnóstico precoce dos agravos à saúde relacionados ao trabalho e está presente em todas as empresas. Deve investigar os agravos inclusive de natureza subclínica, além da constatação da existência de casos de doenças profissionais ou danos irreversíveis à saúde dos trabalhadores (BRASIL, 2020).

No entanto, na lista de exames complementares, não está previsto nenhum tipo de avaliação psicológica ou orientação de qualquer conduta para este fim. Sendo assim, evidencia-se que a lei deixa a critério do médico do trabalho, prescrever ou indicar exames, medidas ou ações, a fim de que seja preservada a integridade física e mental dos colaboradores.

Sobre como estão e se estão sendo aplicadas políticas atuais voltadas à saúde do trabalhador da enfermagem nas instituições de saúde, destaca-se a iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2020), que cria um canal de atendimento ininterrupto, conduzido por enfermeiros especialistas em saúde mental, destinados a todos os profissionais de enfermagem que necessitarem de ajuda emocional neste período de crise. O atendimento é fornecido através de um chat on-line (disponível no site do Cofen e no hotsite Juntos Contra Coronavírus). Ainda, com foco na saúde mental dos milhares de profissionais de saúde diretamente ligados no combate ao Covid-19, o Ministério da Saúde investiu R\$2,3 milhões para oferta de um canal para teleconsulta psicológica, formada por profissionais de psicologia e psiquiatria entre os meses de maio e setembro de 2020 (RAMOS-TOESCHER et al., 2020).

Investimentos ao nível de gestão são também importantes para que questões organizativas não alimentem sentimento de impotência e limitem o potencial criativo do enfermeiro. Repensar em práticas de promoção da saúde, estimulando a ampliação de espaços de convivência que possam ampliar laços, facilitar as trocas de conhecimento e fortalecer vínculos também poderá reduzir sentimentos opressores catalisando sentimentos produtores de vida. Assim, cuidando de quem cuida, pode-se gerar uma assistência humanizada, integral e com qualidade (SILVA et al.,



2020). Torna-se fundamental elaborar estratégias para a prevenção e controle dos agravos decorrentes da atividade profissional (ALVIM et al., 2017).

Pode-se afirmar que são desconhecidas, a longo prazo, quais as consequências que a própria infecção pelo SarsCov2, as medidas de distanciamento e tratamento podem ter sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças, sobre as condições neurológicas e mentais, sobre a manutenção do estímulo cognitivo de idosos. Por isso, é necessário pensar em intervenções amplas de promoção de saúde mental e construção de redes de apoio psicossocial, incluindo escolas, serviços de saúde e outras estruturas, capazes de pensar tais questões” (PELLANDA, 2020, p. 30).

CONCLUSÕES

Evidenciou-se que as condições precárias para o exercício das atividades e a sobrecarga de trabalho são considerados os principais fatores que contribuem para o adoecimento mental no ambiente laboral. Percebeu-se, também, que muitas empresas contratantes realizam algum tipo de acompanhamento psicológico aos contratados apenas em sua admissão, não atentando para manter este acompanhamento ao longo do período empregatício destes profissionais. Justificado quando o período de permanência do trabalhador, na mesma instituição, teve prevalência de mais de um ano.

Observa-se que a maioria dos participantes já tiveram algum sintoma relacionado ao sofrimento psíquico, o que evidencia ainda mais a importância de medidas protetivas para a fim de minimizar o adoecimento. Os relatos dos trabalhadores participantes da pesquisa reforçam este pensamento, quando percebemos um alto índice de profissionais que nunca passaram por uma avaliação psicológica durante a sua jornada de trabalho.

Ressalta-se o quanto os profissionais de enfermagem estão vulneráveis em seus ambientes de trabalho. Portanto, espera-se que este estudo sirva como um alerta aos gestores das instituições contratantes dos profissionais de enfermagem, almejando que se construam estratégias para promoção da saúde e prevenção de doenças de acometimento psíquico nesta categoria profissional. Em destaque, durante o enfrentamento da pandemia de Covid-19, onde os profissionais de saúde estão sendo continuamente expostos a estressores e pressão do sistema de saúde. Também, espera-se que este cuidado seja integralizado de forma periódica durante a permanência destes profissionais na linha do cuidado.



PALAVRAS-CHAVE: Profissionais da Saúde; Saúde Mental; Saúde do Trabalhador.

REFERÊNCIAS

ALVIM, C. C. E.; SOUZA, M. M. T.; GAMA, L. N.; PASSOS, J. P. Relação entre processo de trabalho e adoecimento mental da equipe de enfermagem. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 7, n.1, p. 12-16, jan./jun. 2017.

BRAGA, L. C.; CARVALHO, L. R.; BINDER, M. C. P. Condições de trabalho e transtornos mentais comuns em trabalhadores da rede básica de saúde de Botucatu (SP). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1585-1596, jun. 2010.

BRASIL. Norma Regulamentadora – NR 7. **Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional - PCMSO** (Portaria SEPRT nº 6.734, de 9 de março de 2020). Disponível em: <http://pncq.org.br/uploads/2020-1/NR-07-2020.pdf> . Acesso em: 06 abr. 2020.

CARREIRO, G. S. P.; FERREIRA FILHA, M. DE O.; LAZARTE, R.; SILVA, A. O.; DIAS, M. D. O processo de adoecimento mental do trabalhador da Estratégia Saúde da Família. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 146-55, 31 mar. 2013.

CASTRO-DE-ARAÚJO, L. F. S. Machado, D. B. Impact of covid-19 on mental health in a low and middle-income country. **Ciência e Saúde Coletiva**, 25, 2457–2460, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10932020>. Acesso em: 06 abr. 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Enfermagem em números**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. Acesso em: 05 abr. 2020.

COREN-SP. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. **COREN-SP Apresenta lista de ações após sondagem sobre adoecimento mental**. 2020. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/coren-sp-apresenta-lista-de-acoes-apos-sondagem-sobre-adoecimento-mental>. Acesso em: 8 maio/2021.

DEWES, J. O. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. 53f. Dissertação (Mestrado em Estatística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2013.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19**. Disponível em: http://www.profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/publicacoes/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf. Acesso em: 05 abr. 2020.

HUANG, L.; LIN, G.; TANG, L.; YU, L.; ZHOU, Z. Special attention to nurses' protection during the Covid-19 epidemic. **Critical Care**, v. 24, n. 120, 2020. Disponível em:



<https://ccforum.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13054-020-2841-7>. Acesso em: 06 abr. 2020.

LUZ, E. M. F. et al. Repercussões da Covid-19 na saúde mental dos trabalhadores de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 10, n. e3824, 2020. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3824/2426>. Acesso em: 06 fev. 2021.

MARTINS, K. F.; ALVES, M. F.; DIAS, A. K. Qualidade de vida no ambiente hospitalar dos profissionais de enfermagem. **Revista Amazônia Science & Health**, v. 8, n. 1, 2020. ISSN: 2318-1419. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3085/1577>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MIRANDA, F. M. D'A.; SANTANA, L. L. ; PIZZOLATO, A. C. ; SAQUIS, L. M. M. Working conditions and the impact on the health of the nursing professionals in the context of covid-19. **Cogitare Enferm.**, v. 25, n.e72702, 2020.

OLIVEIRA, D. M. et al. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. **Rev Cuid.**, v. 10, n. 2, e631, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.631>. Acesso em: 02 abr. 2020.

OPAS/OMS. **Considerações psicossociais e de saúde mental durante o surto de Covid-19, 18 de março de 2020**. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/51996>. Acesso em: 21 abr. 2020.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO, D. R. Síndrome de Burnout. **Rev Bras Med Trab.**, v. 14, n. 2, p.171-6, 2016. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v14n2a15.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PELLANDA, L. C. Pandemia de Covid-19 e saúde mental. In: Vazquez, A. C. S. (Org.). **Protocolos em saúde mental na pandemia de Covid-19: um guia com diretrizes práticas**. Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2020. p - 23-31.

RAMOS-TOESCHER, A. M.; TOMASCHEWISK-BARLEM, J. G.; BARLEM, E. L. D.; CASTANHEIRA, J. S.; TOESCHER, R. L. Saúde mental de profissionais de enfermagem durante a pandemia de Covid-19: recursos de apoio. **Esc. Anna Nery**, v. 24, número especial, e20200276, p. 4-5, 2020.

SANTANA, L. L.; SARQUIS, L. M. M.; BREV, C.; MIRANDA, F. M. D.; FELLI, V. E. A. Absenteísmo por transtornos mentais em trabalhadores de saúde em um hospital no sul do Brasil. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 37, n. 1, e53485, mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.01.53485>. Acesso em: 06 abr. 2020.



SCHMIDT, B. C.-S. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). **Estudos de Psicologia**, 9, 2020.

SCHUCK, F. W.; WEBER, G. M. F.; SCHAEFER, C. K.; REINHEIMER, M. W.; ROCKENBACH, D. M. A influência da pandemia de Covid-19 no risco de suicídio. **Braz. J. Hea. Rev** Curitiba, v. 3, n. 5, p. 13778-13789, set/out. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv3n5-194>. 06 abr. 2020.

SILVA, D. P.; SANTOS, I. M. R.; SILVA, J. V. S.; SANTOS, M. A.; NASCIMENTO, Y. C. M. L. Sentimentos dos profissionais de enfermagem na saúde mental: revisão para auxiliar assistência pós novo coronavírus. **Rev Recien.**, São Paulo, v. 10, n. 31, p. 142-154, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24276/rrecien2020.10.31.142-154>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SOUZA E SOUZA, L. P. S.; SOUZA, A. G. Enfermagem na linha de frente contra o Coronavírus: quem cuida de quem cuida? **Journal nurse and health**, v.10, número especial, e20104005, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18444/11237>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SOUZA, H. A.; BERNARDO, M. H. Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a práxis de profissionais do Sistema Único de Saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. **Revista brasileira de saúde ocupacional, São Paulo**, v. 44, e26, Epub July 01, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000001918>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572019000100302&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 fev. 2021.

TOLÊDO, Letícia Graciela de; SANTOS, Talita Acácia dos; BARJA, Paulo Roxo; VIRIATO, Airton. Saúde mental dos profissionais de enfermagem em tempos de pandemia de Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 49163-49174, maio, 2021.

TWENGE, J. M.; JOINER, T. E. U. S. Census Bureau-assessed prevalence of anxiety and depressive symptoms in 2019 and during the 2020 Covid-19 pandemic. **Depression and Anxiety**, 1–3; 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/da.23077>. Acesso em: 06 fev. 2021.

UNITED NATIONS. **Policy Brief: Covid-19 and the Need for Action on Mental Health**. Geneva, Switzerland: World Health Organization, 2020.

VAZQUEZ, A. C. S. (Org.). **Protocolos em saúde mental na pandemia de Covid-19: um guia com diretrizes práticas**. Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2020.